

ZÓZIMO TAVARES



DIRCEU

ARCOVERDE

Esperança interrompida

Bien 
EDITORA

ZÓZIMO TAVARES

DIRCEU ARCOVERDE

Esperança interrompida

1ª Edição

Teresina-PI

Bien!
EDITORA

2019

Sumário

Eu vi o governador! De longe... 11

CAPÍTULO 1

Horas de tensão, dias de angústia 17

CAPÍTULO 2

Sua terra, sua gente 33

CAPÍTULO 3

O governo 99

CAPÍTULO 4

As eleições de 78: o racha na Arena do Piauí 207

CAPÍTULO 5

A despedida – o Piauí sem Dirceu 265

Bibliografia 309

Breve resumo das obras do Governo Dirceu Arcoverde 305

Eu vi o governador! De longe...

ERA 13 DE MAIO DE 1977, uma sexta-feira. Eu tinha 15 anos e me mostrava curioso diante dos acontecimentos de minha pequena cidade, Água Branca, a 100 quilômetros ao Sul de Teresina.

Uma manhã de sol, a Praça 1º de Julho, à época a principal da cidade, estava coalhada de pessoas. Só a feira de domingo juntava tanta gente ao redor da praça, depois batizada de Deputado Gomes Callado.

Aquela multidão se acotovelava no local para receber o governador Dirceu Arcoverde, que estava na cidade para inaugurar o hospital e o sistema de abastecimento de água.

Também fui à praça. Desde os 10 anos de idade, eu alimentava o sonho de ver um governador. Por isso, em 1972, eu havia saído de casa bem cedo para me perfilar ao lado de meus colegas de escola e esperar o governador Alberto Silva, que visitaria a cidade. Chegamos às 7 horas à escola. O tempo passou, o sol já estava alto no céu azul daquela manhã de setembro e o cansaço começava a bater. Foi quando chegou o aviso do cancelamento da visita. Frustração geral.

Então, cinco anos depois, aquela seria a minha nova chance de ver um governador. E corri para a praça. Foi ali que pela primeira vez vi um governador em carne e osso. Aliás, não o vi propriamente, pois, de onde eu estava, na praça, por mais que esticasse o pescoço e subisse nas pontas dos pés, só conseguia distinguir, por cima de um mar de cabeças e chapéus de palha e de couro, o vulto de um homem magro, de calvície avançada, em meio a outros homens, a que todos se dirigiam com reverências e louvações.

Todos – o governador, o prefeito, secretários de Estado, deputados, vereadores e outros convidados – estavam em um palanque improvisado na carroceria de um caminhão estacionado em frente à casa do velho Callado, o chefe político da cidade.

Uma luz passeava sobre a multidão e se demorava no palanque oficial. Era o holofote da TV Clube, então a única emissora de televisão do Piauí e que fazia a cobertura da visita do governador.

.....

Voltei a ver o governador, também de longe, outra vez, em 1978, já morando em Teresina, não lembro se em uma inauguração ou em um comício.

Eu havia me transferido no início daquele ano para a capital para cursar o Ensino Médio, na Escola Técnica Federal do Piauí, hoje IFPI.

O que recorro mais nitidamente daquela época é que Dirceu era o adversário do ex-governador Alberto Silva como candidato a senador. Era uma campanha da qual todo mundo dava conta na capital, mesmo quem não se interessava muito por política, tal era o nível de seu acirramento.

Teresina era albertista “doente”, como se dizia então. A propaganda apresentava Alberto Silva como “O Senador do Povo”, acrescentando-lhe o título de maior governador do Piauí de todos os tempos.

O clima eleitoral e o entusiasmo da oposição contagiavam a juventude. Logo fui atingido também pelo espírito oposicionista que dominava a cidade e passei a torcer por Alberto Silva.

Naquela época, eu tinha 16 anos e os jovens nessa idade ainda não votavam. Eles só adquiriram esse direito com a Constituição de 1988. Então, eu só podia torcer. E foi o que fiz.

O candidato Alberto Silva era um furacão em Teresina, especialmente pela construção do estádio Albertão, a obra-símbolo de seu governo e palco dos grandes clássicos na fase áurea do futebol piauiense.

Pouco se falava da obra do adversário, que o sucedera no governo. Dirceu também era dono de um riquíssimo acervo de realizações em todo o Piauí, a partir de Teresina, onde implantou o novo sistema de abastecimento de água com capacidade para atender satisfatoriamente a população além do ano 2.000. Era o maior investimento público no Estado depois da usina hidrelétrica de Boa Esperança.

Mas a paixão política própria das campanhas eleitorais só enxergava as obras de Alberto Silva, que de fato eram vultosas e volumosas, impactantes, mas não suplantavam as de Dirceu!

Além do mais, Alberto era o candidato da oposição. Era o que todo mundo dizia e também o que eu sabia.

Naquela época, minha imaturidade era tamanha que não me permitia ver que Alberto e Dirceu eram da mesma sigla, a Arena, o partido do governo.

Então, eu misturava alhos com bugalhos, como muitos. Ou seja, não sabia que o primeiro não era oposição de verdade, mas apenas dissidente.

E lembro também, daquela época, do clima de comoção pública que dominou Teresina com o prematuro falecimento do senador Dirceu Arcoverde, em Brasília, bem no início de seu mandato.

.....

Quando ingressei na imprensa, em 1980, fui começando a conhecer melhor a realidade política do Piauí, sobretudo, a partir de 1985. Nesse ano, passei a me dedicar ao jornalismo político,

acumulando-o, mais na frente, com a função de editor-chefe de vários veículos de comunicação de Teresina.

Convivi profissionalmente com as principais personalidades políticas daquela geração e com elas muito aprendi sobre os seus contemporâneos, incluindo Dirceu Arcoverde.

Para uma ou duas gerações, Dirceu hoje não passa do nome do bairro mais populoso de Teresina, o Grande Dirceu; do nome de um pequeno município do sertão do Piauí e de nome de vários equipamentos e logradouros públicos, notadamente hospitais, ruas e avenidas, em várias cidades.

É, sobretudo, para estes que escrevo este livro, a fim de que possam conhecer a história de um dos maiores governadores do Piauí.

A obra está dividida em cinco capítulos. O primeiro recompõe o cenário político do Brasil em 1979, o ano da morte do senador. Também reconstitui os últimos dias de sua longa agonia e de seu breve mandato parlamentar.

O segundo traça o perfil biográfico de Dirceu antes de seu ingresso na vida pública, iniciando com o nascimento dele, em Amarante, e indo até a sua formatura em Medicina, no Rio de Janeiro. Destacam-se, nessa parte, as paisagens naturais e humanas do Piauí e os vultos históricos de então que tiveram influência na vida do biografado.

O terceiro capítulo conta como Dirceu Arcoverde chegou ao Governo do Piauí, jogando luzes sobre os bastidores de sua escolha. Também mostra como ele governou e traz um balanço de suas realizações.

O quarto foca as eleições de 1978 no Piauí, quando ele disputou o mandato de senador em uma das campanhas mais acirradas da história do Estado. Pelas voltas e reviravoltas que a política

dá, Dirceu enfrentou nas urnas justamente um mito nascente da política piauiense, o ex-governador Alberto Silva, de quem fora secretário de Saúde.

Por último, o quinto capítulo narra a comoção pública causada no Piauí pela inesperada morte do senador vitorioso nas urnas, o impacto que ela causou na política estadual, o vácuo que o seu desaparecimento provocou e as homenagens póstumas que lhe foram tributadas.

A história de Dirceu Arcoverde encanta especialmente pela figura humana que ele encarnou como médico, por mais de 20 anos, e como homem público, por breve período.

Uma carreira pública brilhante que foi interrompida brusca-mente ainda no começo, com a sua morte súbita.

Quarenta anos depois de seu prematuro falecimento, todos ainda temos muito o que aprender com ele, pelo seu exemplo de austeridade, de simplicidade e de devoção ao Piauí.

Zózimo Tavares

CAPÍTULO I

Horas de tensão, dias de angústia

SEXTA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 1979. Brasília seguia a sua rotina. Na política, a expectativa maior era quanto à posse do novo presidente da República, o general João Figueiredo, dali a seis dias.

O futuro presidente saía do comando do Serviço Nacional de Informações (SNI), criado em 13 de junho de 1964, pelo recém-instalado governo militar, dentro da política que resultou em uma profunda reestruturação nos órgãos de segurança.

No novo desenho das funções das agências responsáveis por esses serviços, o SNI era encarregado de exercer controle sobre adversários internos e externos do regime, acompanhar o funcionamento da máquina burocrática do Estado e recolher informes sobre a atuação de entidades públicas e privadas.

Também era papel do SNI analisar acontecimentos políticos e prever seus desdobramentos possíveis, de modo a evitar que o governo pudesse ser surpreendido por episódios e situações capazes de influir negativamente no comportamento geral da Nação. Portanto, um órgão estratégico e com superpoderes dentro do governo.

A posse de Figueiredo na Presidência da República gerava expectativa porque até então os generais haviam conduzido o poder através da adoção de vários Atos Institucionais, que colocavam em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a cassação de mandatos eletivos, a falta total de democracia e a dura repressão àqueles que eram contrários ao regime militar.

O presidente Geisel, que assumira o poder em março de 1974, já havia removido vários desses entulhos autoritários, limpando a área para o seu sucessor. Assim, Figueiredo iria assumir o poder já com o país livre, por exemplo, do AI-5, o mais violento de todos os Atos Institucionais.

Em 19 de janeiro, o novo presidente anunciara o seu ministério: Justiça, senador Petrônio Portela, incumbido da coordenação política do governo; Marinha, almirante Maximiano da Fonseca; Exército, general Válter Pires; Relações Exteriores, embaixador Ramiro Saraiva Guerreiro; Fazenda, Carlos Rischbieter; Transportes, Eliseu Resende; Agricultura, Antônio Delfim Neto; Educação e Cultura, Eduardo Portela; Trabalho, Murilo Macedo; Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Matos; Saúde, Mário Augusto de Castro Lima; Indústria e Comércio, João Camilo Pena; Minas e Energia, César Cals; Interior, Mário Andreazza; Comunicações, Haroldo Correia de Matos; Previdência e Assistência Social, Jair Soares; Gabinete Militar, general Danilo Venturini; Gabinete Civil, general Golberi do Couto e Silva; Serviço Nacional de Informações, general Otávio Medeiros; e Planejamento, Mário Henrique Simonsen.

Na área política, a principal promessa de Figueiredo era a de levar adiante a retomada “lenta, gradual e segura” das práticas democráticas, acelerando e ampliando a distensão patrocinada pelo presidente Ernesto Geisel, para consolidar, assim, o processo de abertura.

Em uma frase contundente, Figueiredo assegurava que iria transformar o país em uma democracia. Daí, criava-se grande expectativa sobre o início de uma nova fase na vida política brasileira, que já contava 15 longos anos de regime militar.

Enquanto isso, no Senado...

No Senado Federal, precisamente no meio da tarde daquela sexta-feira, 9 de março, na sessão ordinária, um novato senador da safra de 1978 ocupava a tribuna pela primeira vez.

Magro, calvo e indisfarçavelmente tímido, Dirceu Arcoverde abordava, com entonação e gestos contidos, um tema de grande relevância: a saúde pública no Brasil, apresentando um diagnóstico da situação e os avanços obtidos.

Para tanto, o orador havia recebido do líder de seu partido, o senador Jarbas Passarinho, a incumbência de fazer um pronunciamento abordando a questão.

A orientação do líder da Arena era para que o colega analisasse a mensagem que o presidente Geisel encaminhara ao Congresso Nacional, por ocasião da abertura da sessão legislativa, no tocante ao setor da saúde.

O líder arenista queria, na verdade, um desdobramento, uma repercussão positiva, da prestação de contas que o presidente fizera sobre as realizações do governo nessa área.

Discurso de estreia

Nesse sentido, o orador procurava dar tudo de si no cumprimento da primeira missão política que recebia em Brasília.

Primeiro, porque o assunto era de sua especialidade. Então, ele se sentia à vontade para abordá-lo.

Segundo, porque o presidente Geisel havia prestigiado o Piauí durante todo o seu mandato, inaugurando obras estruturantes no Estado. Uma delas, entregue no final do mandato de governador do orador, foi o serviço de ampliação do sistema de abastecimento

de água de Teresina, instalado com capacidade para atender à população até o ano 2000. Era a segunda maior obra que o governo federal fazia no Piauí, ficando atrás apenas da usina hidrelétrica de Boa Esperança.

E, terceiro, porque o orador queria deixar boa impressão sobre a sua estreia na tribuna.

Dessa forma, ele havia preparado um discurso escrito ao longo dos últimos dias, após exaustiva pesquisa e reflexão. Metódico e perfeccionista, media cada frase, cada palavra.

Havia maior atenção em seu pronunciamento, pelos senadores presentes ao plenário - entre eles também muitos novatos -, porque o parlamentar estreante, ainda que pouco conhecido na Casa, era apresentado como correligionário - na política do Piauí - do senador Petrônio Portella, que acabara de deixar a Presidência do Senado e estava anunciado como ministro da Justiça do novo governo.

O orador iniciava seu pronunciamento justamente pela autoapresentação:

— Sr. Presidente e Srs. Senadores,

Se não me faltou percepção, é tradição, nesta Casa, que os recém-chegados, os que aqui aportam, façam, como preâmbulo, como que uma autoapresentação.

Sr. Presidente, aí está a grande dificuldade desta hora - como apresentar-me. Oito anos de serventia pública, como Secretário de Saúde e como Governador do Estado do Piauí, parece pouco, Sr. Presidente, Srs. Senadores, mas há um lastro de 30 anos de exercício da Medicina.

Deixando a VELHACAP, localizei-me em Teresina, passando a viver naquela comunidade, convivendo intensa e aprofundadamente com a gente da minha terra. Ser médico não é apenas olhar superficialidades, é se aprofundar nos senti-

mentos da gente, é crescer em sensibilidade, é sorrir com as alegrias de todos, é sofrer também.

Acho que isso não pode deixar de ser computado, somado, como vida pública. Depois, o Governo do Estado, poucos anos. Será que apenas o lapso cronológico deveria ser assim entendido, ou, mais que isso, o de viver, intensamente, todas as horas, a administração do Estado do Piauí? Nestes poucos anos, tenho, sem dúvida alguma, a certeza: muito tive no plasmar da personalidade do político, do administrador, muito recebi nestes anos, pois eles forjaram a sensibilidade daquele que agora aqui chega, nesta Casa, como Senador do Estado do Piauí.

Em seguida, reconhecia o papel histórico do Senado, enaltecia a grandeza dos colegas e falava dos sentimentos que guiariam o exercício do mandato que se iniciava:

Em meio aos Srs. Senadores, não posso deixar de ser levado a evocações desta Casa, do seu passado, da sua participação na História da Pátria. Quem poderá minimizar isso? Mas, também, há a presença dos ilustres Senadores, políticos, homens de cultura, brilhantes profissionais, experimentados, lúcidos; há a grandeza de todos os Srs. Senadores. Convivo, com uma honra, em meio a todas essas virtudes que emanam dos meus Pares no Senado Federal. E, ao fazê-lo, quero pedir perdão a V. Ex^{as}. pelo desejo único que tenho de aqui tentar igualar-me aos nobres Senadores apenas numa coisa: nos sentimentos, nas virtualidades de civismo de V. Ex^{as}, no patriotismo que norteia esta Casa. Sobretudo, quero aqui seguir o exemplo do passado e do presente e respeitar a nobreza dos sentimentos do meu povo, da gente piauiense que me conferiu este mandato e esta representatividade.

E assim ia prendendo a atenção do plenário, até entrar no tema central de seu discurso:

A obra do Governo Federal nesse último quinquênio, na área da Saúde, não deve ser avaliada apenas pelas realizações físicas, embora o acervo delas seja valioso e ímpar na história das administrações de saúde nas últimas décadas. Igualmente significativos são os esforços realizados para renovação de conceitos e a criação de uma consciência social sobre a realidade de saúde e a natureza de seus determinantes, dos problemas existentes, bem como dos requisitos estruturais e conjunturais para as soluções necessárias e/ou possíveis.

O orador acrescentava:

Depois desses cinco anos, é outro o quadro institucional e são outros os temas ou a natureza do debate sobre a saúde no País, e, até mesmo, esse debate pode ser resultado do trabalho feito: há um Ministério da Saúde revivido, recuperado como instituição atuante, que, sobre as falhas e deficiências ainda existentes, muitas delas produtos inevitáveis dessa nova postura de ação, vêm assumindo progressivamente um papel significativo e eficiente; há um multiplicado esforço na Previdência Social na área da saúde; há uma articulação crescente entre as instituições públicas de saúde; há um processo de modernização e ampliada participação dos Estados; há a formação de uma nova geração de trabalhadores na saúde pública; há a aquisição de conhecimentos e de experiência, que estão sustentando a evolução de um pensamento renovado e produtivo, também necessário na discussão ampla sobre as questões de saúde, e tudo isso está ocorrendo como parte de um processo que significa a criação de bases e condições para o pleno desenvolvimento do setor de saúde no futuro.

Dessa forma, foi levando o seu discurso, recebendo apartes de senadores do governo e da oposição. Na tribuna, o senador estava aparentemente tranquilo, mas procurava não se expandir além do que estava escrito.

As aparências mostravam um orador que se esforçava publicamente para cumprir a sua missão de fazer um bom discurso, mas ocultavam a luta íntima e hercúlea que travava contra um furacão invisível e devastador que aos poucos tomava conta de seu corpo. Ele procurava dominar a situação e seguia em frente.

Havia passado da metade do discurso quando sentiu que um dos braços estava paralisado, já não atendia aos comandos de seu cérebro. Mesmo assim, foi em frente, gesticulando com o outro braço, até que concluiu o pronunciamento, após agradecer os apurtes e as atenções dos colegas:

Sei que em outra oportunidade aqui estaremos, sem dúvida nenhuma, todos, para discutir os problemas nacionais de saúde em toda a sua extensão, naquilo que reclama o nosso pensamento, o nosso interesse, a nossa ação, de brasileiros e de homens públicos.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente!

Após estas palavras finais, sentiu a vista escurecer e o mundo rodar à sua volta. Perdeu as forças. Só não tombou porque foi amparado a tempo. E suas últimas palavras foram de obstinação: “Estou bem!”

Em seguida, desmaiou e entrou em coma profundo. O Serviço Médico do Senado foi acionado, e o senador foi removido às pressas para o hospital. Até ali não se sabia a extensão do problema, mas começava naquele momento, com Dirceu entre a vida e a morte, uma batalha desesperada para salvá-lo.

O martírio

No Piauí, a notícia sobre o passamento de Dirceu chegava entre o final da tarde e o começo da noite. E tinha o efeito de uma bomba, pois dava conta que o senador havia sofrido um derrame cerebral. As horas que se seguiram foram tormentosas. As notícias se tornavam contraditórias.

Na noite daquela sexta-feira, o senador seria homenageado em Teresina, com um jantar, pelo empresário Jesus Tajra, que era seu suplente. Tudo estava preparado e várias lideranças políticas já haviam sido convidadas para a homenagem.

Como seu primeiro discurso fora marcado exatamente para aquele dia, Dirceu comunicou que não poderia estar em Teresina para receber a homenagem. E mandou sua esposa, dona Maria José Arcoverde, para representá-lo.

Informada do mal subido sofrido pelo marido, ela embarcou imediatamente de volta para Brasília. Os 15 casais convidados foram informados que o jantar fora suspenso. Não havia clima para a confraternização.

No Palácio de Karnak, a sede oficial do Governo do Estado, havia uma verdadeira vigília na noite daquela sexta-feira. O clima era de suspense e apreensão. Os telefones estavam ligados diretamente para Brasília e recebiam informações a todo instante: umas de esperança, outras de total pessimismo.

Lucídio chora

No dia seguinte, sábado, o governador eleito Lucídio Portella, que tomaria posse na quinta-feira, dia 15, retornava de Brasília, onde acompanhara as primeiras 20 horas do atendimento a Dirceu.

O novo governador mostrava-se tenso e apreensivo. Para os amigos mais próximos, não era um bom sinal. Lucídio era médico como Dirceu. Ou seja, qualquer sinal externado por ele expunha não apenas a preocupação do amigo ou cidadão, mas também do profissional da medicina.

Além disso, o governador desembarcara na tarde de sábado, no aeroporto de Teresina, sem dar atenção a ninguém. Seguiu direto para casa. Ao chegar lá, na companhia do vice-governador elei-

to, Waldemar Macedo, teve incontrolável crise de choro, os dois abraçados, lamentando o precário estado de saúde do companheiro e amigo, por ambos considerado irmão. A informação sobre esse episódio vazou para um círculo muito fechado.

No domingo, 11, pela manhã, Lucídio se recolhera ao seu quarto, incapaz de conversar com alguém.

Então, Dona Myriam, sua esposa, pediu aos amigos que formassem correntes de orações pelo restabelecimento da saúde de Dirceu. Era o que restava naquele momento. Ela própria copiou e distribuiu orações que todos deveriam rezar.

Apesar de tudo, Dirceu vivia. E isso, no coração dos amigos, ainda era um fio de esperança.

Angústia e aflição

Na segunda-feira, 12 de março, a Rádio Difusora de Teresina, de grande audiência, transmitia, bem cedo, um comentário do jornalista José Lopes dos Santos traduzindo o sentimento que estava na alma de todos, por aqueles dias de aflição:

“Mais de dois milhões de piauienses, da capital, do interior e de outras paragens do País inteiro onde se acham radicados, estão ainda sob o impacto violento causado pela notícia do acidente vascular cerebral que, na última sexta-feira, vitimou o nosso conterrâneo senador Dirceu Arcoverde.

Durante 60 horas consecutivas os telefones não pararam, aqui, em Brasília, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas Gerais, Ceará, Pernambuco, Bahia, enfim, em toda parte onde se encontra ou, eventualmente, se encontrava um piauiense, todos acompanhando e querendo saber, com mais detalhes, notícias do estado de saúde de Dirceu.

Nem mesmo o calor da última refrega política, da qual, após renhido pleito, saiu vencedor esse notável líder e grande cora-

ção humano que é DIRCEU; nem mesmo o ódio do coração mais empedernido pode ficar indiferente à dor que, de repente, se abateu sobre o Piauí e seus filhos.

Todos, indistintamente, passaram a sentir a intensidade do fato, lamentando, de ponta a ponta, desde o Litoral até Cristalândia, a crueldade do derrame cerebral que vitimou DIRCEU.

Esqueceram-se divergências, dissensões, desentendimentos. As armas da maldade, da inveja, do ódio, foram ensarilhadas. Não houve quem pudesse ficar indiferente. O Piauí, pela totalidade de seus filhos, esqueceu tudo para pensar apenas na saúde preciosa desse homem bom e puro que é DIRCEU.

E as correntes de fé foram formadas em toda parte. Hoje, até mesmo os que se supunham intimamente esquecidos das orações aprendidas na infância rezam fervorosamente, pedindo a Deus e aos Santos de sua devoção que deem a DIRCEU o pronto restabelecimento da saúde, sua total recuperação, para que possa continuar prestando ao Piauí e aos piauienses o calor humanitário da sua irreversível e obstinada capacidade de SERVIR.

Em Brasília, ajudada por Deus, prossegue a luta da ciência médica, procurando, por todos os meios, salvar DIRCEU. As notícias de ontem à noite davam um quadro menos desesperador. A situação é ainda grave, mas já se podia respirar um pouco de esperança.

Há confortadores indícios de melhora, embora lenta e gradual. E a nossa fé inabalável em Deus é de que continuaremos recebendo boas notícias. A vida do Senador DIRCEU ARCOVERDE, mas principalmente a vida do homem simples e bom que é DIRCEU MENDES ARCOVERDE, é preciosa demais. E é por isso que, nas orações de todos os piauienses, estamos pedindo por sua pronta recuperação.”

À espera de um milagre

Em Brasília, Dirceu continuava em coma, no Hospital dos Servidores Públicos da União. Estavam o tempo todo com ele os

piauienses Jurandi Mendes Soares (secretário de Saúde e primo do senador), o médico Edvar Cavalcante, seu amigo pessoal, e Francisco Alves, líder comunitário do bairro Itararé. Também acompanhavam o senador no hospital seus irmãos José, Waldyr, Moacyr e Miguel Arcoverde.

A luta prosseguia, as esperanças eram poucas e havia quem afirmasse que somente um milagre salvaria o senador.

Posse sem festa

14 de março. A troca de informações entre Brasília e Teresina continuava intensa. As notícias eram as mesmas.

O médico Edvar Cavalcante voltava para Teresina com algumas esperanças. O Dr. Jurandi viria em seguida, mas o governador Lucídio Portella, que iria tomar posse no dia seguinte, pede que Jurandi continue dando assistência a Dirceu.

Lucídio manda expedir nota oficial dando conta de haver determinado a suspensão de todas as comemorações que estavam programadas para a sua posse e a do vice-governador. Não haveria festas, face ao delicado estado de saúde do amigo.

Pelo novo programa, a missa da Matriz de Nossa Senhora do Amparo seria simples, sem aparatos e ornamentações.

O ato de posse na Assembleia Legislativa ficaria restrito à leitura do compromisso constitucional e ao discurso protocolar do governador.

Finalmente, no Palácio de Karnak, haveria apenas a transmissão do Poder, com os dois discursos indispensáveis: do governador Djalma Veloso, que deixava o cargo, e do governador que inaugurava o quadriênio.

Dia 15 de março - O último ato do dia era marcado, então, pela transmissão do Poder, no Palácio de Karnak. O governador

Djalma Veloso se despedia com um discurso protocolar, mas não pode fugir à emoção quando mencionou o nome do antecessor, seu amigo Dirceu Arcoverde.

Djalma permaneceu no local até o final da cerimônia, ouvindo atentamente o pronunciamento do novo governador, que o conduziu, em seguida, ao portal principal do Palácio, de onde assistiu o retorno dele para casa.

Quatro anos atrás, os fatos haviam se passado de modo diferente, na transmissão do poder, naquele mesmo local. Dirceu guardaria mágoa do episódio pelo resto dos seus dias.

Foi assim: o antecessor, Alberto Silva, mal acabou de discursar, num gesto sem precedentes, deixou o Salão Nobre do Palácio de Karnak às pressas, não esperando para ouvir o pronunciamento que seria feito pelo sucessor e que, inclusive, continha referências elogiosas à sua pessoa e ao seu governo.

Mesmo assim, como se não tivesse tomado conhecimento da descortesia, Dirceu iniciou o discurso dirigindo-se ao antecessor, sem levar em consideração o seu gesto.

Aquela cena seria o prenúncio de tempos de radicalização na política estadual, como se verá mais adiante.

Cirurgia, o último apelo

Novas informações de Brasília: o Dr. Pedro Sampaio, a maior autoridade do País em neurologia, iria voltar a Brasília para um reexame da situação, podendo operar Dirceu, se fosse o caso.

O Dr. Sampaio, piauiense, já estivera examinando o paciente e dera esperanças, embora milimétricas. Deixara, contudo, uma tênue réstia de luz no espírito dos que acompanhavam o caso com maior interesse.

De Teresina, Lúcidio Portella conversou pessoalmente com Pedro Sampaio, pelo telefone, e reiterou o seu empenho para que fosse dada total e integral assistência a Dirceu, esgotando-se todos os recursos da ciência médica para tentar salvá-lo.

Estava sendo travada a batalha final da esperança contra a incerteza e o desespero.

.....

Assim, entre a missa em ação de graças, pela manhã, e a posse do novo governador, na Assembleia Legislativa, à tarde, chega a Teresina a notícia de que o neurocirurgião Pedro Sampaio já se encontrava em Brasília para fazer a operação cirúrgica em Dirceu, à noite.

Por volta das 15 horas do dia 15 de março, no Gabinete da Presidência da Assembleia Legislativa, o deputado Oscar Eulálio (MDB), comentava em uma roda, em tom de pesar:

— Pelo quadro que me foi descrito, lamento dizer que o meu colega e nosso amigo não resistirá à intervenção. Será o fim de tudo se o operarem.

Contudo, no Piauí, todos estavam esperançosos, não obstante a gravidade do caso.

Às 22 horas, chega, enfim, a notícia de Brasília: Dirceu fora operado. A intervenção cirúrgica tirou de sua frente esquerda, em local profundo, o coágulo que se formara com o derrame do dia 9. O paciente reagia dentro das condições esperadas pelos médicos. Havia esperanças.

Todas em vão, como registraria em seu livro José Lopes dos Santos, amigo de Dirceu, em tom de desabafo.

A partir das 4 horas da manhã do dia 16, a pressão arterial do senador descontrolou-se e ficou oscilando violentamente.

Fracassam todas as tentativas médicas visando à estabilização do ritmo cardíaco.

Dia 16 de março - No Palácio de Karnak, a movimentação era grande. Dali a instantes haveria a posse coletiva do novo secretariado. Os salões estavam cheios. Pouco antes das 10 horas da manhã, o neurologista Francisco Ramos, do Hospital Getúlio Vargas, recebia de Brasília telefonema dando informações científicas sobre o estado de Dirceu. Desligou e respondeu à indagação surda de todos:

— Na situação presente, é difícil, muito difícil. Não há mais controle. Só um milagre!

Finalmente, quando já havia terminado a solenidade de posse dos novos secretários, o governador Lucídio Portella era chamado, com urgência, ao telefone. Do outro lado da linha, o médico Adelmo Pires trazia o aviso: Dirceu estava morto! Expirara precisamente às 10h20.

Chegava ao fim a trajetória de um homem público que cativou os piauienses pelo seu jeito simples, o arrojo administrativo e o espírito desarmado – a mão estendida em todas as circunstâncias.

Vai-se o homem, fica o exemplo

Em sua passagem fugaz pela política, Dirceu Arcoverde fora secretário de Saúde e governara o Piauí por menos de quatro anos. Eleito governador em 3 de outubro de 1974, pela Assembleia Legislativa, tomara posse em 15 de março de 1975 e deixara o cargo em 14 de agosto de 1978. Governou o Piauí por 1.239 dias.

Renunciou ao mandato para concorrer ao Senado, em uma das campanhas mais duras da história do Piauí. Sagrou-se vitorioso na acirrada disputa com um mito nascente da política estadual, o ex-governador Alberto Silva, de quem fora secretário de Saúde.

Dirceu foi arrebatado no instante em que fazia seu pronunciamento de estreia da tribuna do Senado. Por ironia do destino, sofreu um AVC quando discursava justamente sobre saúde. E saía de cena com apenas 44 dias de um mandato de 8 anos. Tinha 53 anos de idade.

Após sofrer o Acidente Vascular Cerebral na tribuna, desmaiou, entrou em coma profundo e não acordou mais.

Quarenta anos depois de sua morte, ele continua vivo, porém, na lembrança dos que conheceram o cidadão simples, o médico humanitário, o professor universitário admirável e o governante austero, desprendido e realizador, de conduta amena, irrepreensível na vida pessoal e na atividade pública.

Um exemplo e um modelo de homem público, profissional e cidadão, sobretudo, nestes tempos tão carentes de boas referências na política.

A sua história é contada nas páginas que se seguem.

Bienal
EDITORA

www.bienaleditora.com.br